

**André Luiz.**

Quando o Grande Processado  
Ouvir a condenação,  
O povo esperava, aflito,  
Os gestos de reacção.

Não se dizia emissário  
Da Magestade de Deus?  
Por que dobrar-se humilhado  
À tricas de fariseus?

Não se afirmava o Senhor?  
 Não era o Divino Mestre?  
 Por que curvar-se á injustiça  
 No campo da dôr terrestre?

Falava-se que Jesus  
Era o Caminho, a Verdade,  
A Vida Vitoriosa  
No seio da Divindade...

Entretanto, pobre e humilde,  
Em face da multidão,  
Era Êle tido á conta  
De feiticeiro e ladrão.



Vencido e dilacerado,  
O sangue a empapar-lhe a fronte,  
Contemplava, angustiado,  
A fímbria azul do horizonte.

O povo, porém, não via  
Nem milagres, nem sináis...  
Onde o socôro divino  
Das hóstes celestiais?

Martírios e bofetadas.  
E o Mestre não reagia,  
Suportando a cruz pesada  
Na túnica da ironia.

Que fazia o Condenado?  
Por que não pedir dos céus  
Incêndios, misérias, pragas,  
Flagelações, escarcéus?

Onde os carros poderosos  
De Jesus de Nazaré?  
Onde as armas e soldados  
Pela paz da nova fé?

O justo, porém, na cruz,  
Ouvindo perguntas mil,  
Viu que a turba inda era frágil  
Ignorante e infantil.

E o Mestre, fitando os Céus,  
Deu a divina lição  
Do amor que redime a vida  
No silêncio e no perdão.

**Casimiro Cunha.**